

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**A SANÇÃO COMO PONTO DE INTERSEÇÃO ENTRE NARRATIVAS  
MITOLÓGICAS GRECO-ROMANAS E AMAZÔNICAS**

**VALDINEI TIBÚRCIO DE LIMA**

**TEFÉ  
2023**

**VALDINEI TIBÚRCIO DE LIMA**

**A SANÇÃO COMO PONTO DE INTERSEÇÃO ENTRE NARRATIVAS  
MITOLÓGICAS GRECO-ROMANAS E AMAZÔNICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Letras, no Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Dra. Maria Ozana Lima de Arruda

**TEFÉ  
2023**

**VALDINEI TIBÚRCIO DE LIMA**

**A SANÇÃO COMO PONTO DE INTERSEÇÃO ENTRE NARRATIVAS  
MITOLÓGICAS GRECO-ROMANAS E AMAZÔNICAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Amazonas, como requisito final para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovado em 21 de agosto de 2023.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Maria Ozana Lima de Arruda  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA  
Orientadora

---

Kenedi Santos Azevedo  
Universidade do Estado do Amazonas – UEA

---

Thaila Bastos da Fonseca  
Secretaria de Educação do Estado do Amazonas – SEDUC

Para Juscilene Corrêa Tibúrcio, Raimundo  
Martins Souto de Lima, Marly Rodrigues de Sousa,  
família e amigos.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos voltam-se, em primeiro lugar, a Deus, a quem devo a oportunidade de hoje estar concluindo mais uma etapa da vida.

Agradeço a minha mãe, Juscilene, por estar ao meu lado quando minha insegurança parecia maior que meus sonhos. Por, quando os obstáculos surgiram diante de mim, ter me fornecido as ferramentas para que eu os destruísse. Agradeço ao meu pai, Raimundo, que acreditou em mim mais do que acreditou em si mesmo. Que sofreu por mim, não deixando me faltar o alimento. Que sempre me olhou como quem vê um monumento polido em pleno pedestal.

Agradeço a uma grande mulher, Marly, que se mostrou uma segunda mãe. Que, com suas atitudes, mostrou-me valores da vida que eu jamais imaginaria conhecer em um ser humano. Por exalar a bondade e a esperança de que no mundo ainda existem pessoas com o coração puro, disposto a ajudar os mais necessitados.

Agradeço também a minha amiga Laine, que me acompanhou durante essa árdua jornada, dando-me palavras de amizade que me serviram na vida acadêmica e pessoal. Também agradeço as minhas amigas Hillary e Esteffany, que me orientaram em tantas dúvidas sobre tantas coisas, e que sempre estiveram dispostas a ajudar nos momentos de precisão.

Meus agradecimentos também voltam-se as minhas irmãs Terezinha, Valcilene e Valdilene, que me deram a segurança e o apoio de quem ama um irmão sonhador. Também agradeço aos meus irmãos Francisco, Valdivino e Antônio, que, assim como meu pai, olhavam-me e seus olhares diziam que eu poderia tudo. Ainda na linha de irmãos, agradeço ao Twellen, por fazer-me sentir acolhido; a Stéfany e a Maria José, por serem meus remédios, curando sempre minha tristeza nos dias mais tristes de minha vida.

Agradeço imensamente a minha professora orientadora Ozana, por toda a paciência e carinho para comigo. Por sempre acreditar que eu poderia ser mais e fazer mais. Por ser uma inspiração. Por me mostrar que não há um limite que possa impedir uma pessoa disposta a exercer, com esmero e excelência, o ato de ensinar.

Sou intensamente grato aos incríveis professores Kenedi Azevedo, Manoel Domingos, Teresinha de Jesus, Núbia Litaiff, e ao eterno Feliciano, assim também como aos demais professores que passaram pelo curso.

Por fim, afirmo que também sou grato a todos que fizeram, de alguma forma, parte de minha trajetória, como os colegas de turma que se mostraram bons comigo, nos momentos de elogios e de alegrias.

## A SANÇÃO COMO PONTO DE INTERSEÇÃO ENTRE NARRATIVAS MITOLÓGICAS GRECO-ROMANAS E AMAZÔNICAS

### SANCTION AS A POINT OF INTERSECTION BETWEEN GRECO-ROMAN AND AMAZONIAN MYTHOLOGICAL NARRATIVES

Valdinei Tibúrcio de Lima<sup>1</sup>  
Maria Ozana Lima de Arruda<sup>2</sup>

**RESUMO:** o presente trabalho intenta analisar e comparar, à luz da Semiótica Discursiva Greimasiana, a sanção que ocorre nas narrativas mitológicas greco-romanas e amazônicas, em forma de metamorfose. Para tanto, este trabalho define sanção e como esta ocorre nas narrativas, busca episódios de narrativas greco-romanas e amazônicas que mostrem a sanção e compara as sanções dos episódios narrativos encontrados em ambas as culturas. O método utilizado foi o de pesquisa bibliográfica, com estudos de textos como artigos, livros etc. Além da introdução e das considerações finais, este trabalho possui duas seções: a primeira é destinada ao desenvolvimento do referencial teórico, constando a definição de sanção; a segunda, aos resultados e análises das narrativas. Como principais resultados, infere-se que tanto a sociedade greco-romana quanto a sociedade amazônica possuem narrativas mitológicas nas quais há sanções por meio de metamorfose.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mitologia greco-romana, Mitologia amazônica, Sanção, Metamorfose.

**ABSTRACT:** The present work intends to analyze and compare, in the light of Greimasian Discursive Semiotics, the sanction that occurs in Greco-Roman and Amazonian mythological narratives, pondering the metamorphosis. Therefore, this work defines sanction and how it occurs in narratives, searches for episodes of Greco-Roman and Amazonian narratives that show sanction and compares the sanctions of narrative episodes found in both cultures. The method used was the bibliographic research, with studies of texts such as articles, books, etc. In addition to the introduction and final considerations, this work has two sections: the first is intended for the development of the theoretical framework, including the definition of sanction; the second, to the results and analysis of the narratives. As main results, it is inferred that both the Greco-Roman society and the Amazon society have mythological narratives in which there are sanctions through metamorphosis.

**KEYWORDS:** Greco-Roman Mythology, Amazonian Mythology, Sanction, Metamorphosis.

## INTRODUÇÃO

Com a necessidade de explicar a criação do universo, o surgimento dos povos, os costumes, os astros celestes, as variadas espécies de animais e plantas, além da necessidade de

---

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: valdineitiburcio04@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutora em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (USP). Professora de Língua e Literatura Latina no Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST) na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). E-mail: mlarruda@uea.edu.br.

nomear fenômenos e seres, o mito foi instuído. O mito ocupa o papel de supremacia e, em sua função, que é explicar os acontecimentos inefáveis ou acontecimentos cotidianos, narra da cosmogonia à escatologia. Eliade (p. 13, 2019), sobre o mito, afirma que “[...] após a cosmogonia e a criação do homem, ocorreram outros eventos, e o homem, tal qual é hoje, é o resultado direto daqueles eventos míticos, é constituído por aqueles eventos.”

A presença do mito resulta na formação dos pensamentos e contribui para a construção das sociedades, pois é uma forma de ciência, a primeira maneira de se fazer ciência, sendo montado de questionamentos, preocupando-se com as explicações de como as coisas surgiram e/ou se transformaram. Para Eliade (2019, p. 9), “O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento.”

Do encontro da lua com sol até a aparição dos arco-íris, tudo isso hoje nos parece coisas de simples explicação, no entanto, tudo isso precisou ser descrito e narrado por meio do mito, dado que tudo se baseava em profundo mistério. Hoje a palavra mito apresenta um sentido diferente, geralmente ligado a algo que tende a fugir do real, que, no entanto, torna-se convincente e se impregna como verdade dentro de determinado agrupamento social. É responsável pelos princípios das civilizações, é a corroboração da história. Os mitos passam a ser narrativas que estão presentes em várias culturas, sobretudo aquelas narrativas que versam sobre as criações dos deuses e suas atitudes, como as tratadas neste trabalho, mais especificamente, os deuses das culturas greco-romana e amazônica.

Analisando as narrativas atemporais, os indígenas e os greco-romanos eram/são, em sua maioria, politeístas, adoravam/adoram vários deuses, acreditando que esses deuses tinham forma humana, embora fossem mais belos e poderosos que os homens, fossem imortais e possuidores de poderes mágicos.

De acordo com Funari (2002, p. 57-58), “[...] para os gregos, os deuses comportavam-se exatamente como os homens, em tudo semelhantes. O que definia e distinguia um deus era principalmente sua imortalidade. Aos seus deuses, os gregos atribuíam uma forma e sentimentos humanos.” Pode-se afirmar que os deuses, cobertos pela integridade de suas “perfeições”, ainda, em dadas circunstâncias de muitas narrativas, mostraram-se movidos pelos sentimentos, estes bons e/ou ruins. Diante do exposto, tem-se a ideia de que as decisões dos deuses ocasionaram enormes mudanças em muitos aspectos, dentre as quais podemos citar a metamorfose, presente em muitas narrativas de diversas culturas. Posto isto, cabe-se a seguinte

questão: no que se refere à metamorfose, quais semelhanças e diferenças são encontradas entre as narrativas mitológicas greco-romanas e amazônicas?

Em vista disso, este trabalho tem como principal objetivo cotejar as narrativas das mitologias greco-romana e amazônica, visando identificar semelhanças e diferenças que ocorrem na metamorfose vista como uma consequência dentro dessas narrativas.

A escolha desse tema se constitui pelas possíveis semelhanças entre as culturas greco-romanas e amazônicas em diversas leituras, sobretudo leituras que retratavam análises entre os deuses, suas características, suas posições e seus poderes. Assim, cabe-nos analisar, dentro dessa perspectiva, a metamorfose como consequência nas narrativas mitológicas das duas culturas, justamente porque os mitos, precipuamente os seus desfechos, podem influenciar no comportamento dos constituintes de uma sociedade.

Esta pesquisa mostra-se pertinente por cotejar as consequências que ocorrem dentro das narrativas de duas culturas, revelando as semelhanças e diferenças entre ambas, podendo, futuramente, servir como fundamento para outras pesquisas. A esperada analogia pode mostrar pontos de análises em uma perspectiva literária. Ademais, o estudo das narrativas é uma maneira de elucidar a importância das mitologias, mostrando um caminho de como a sociedade usa o mito para refletir sobre o que é certo e errado, moldando-a.

O presente trabalho, porque intenta usar, sobre determinadas obras, teorias já desenvolvidas por outros pesquisadores, define-se como uma pesquisa de natureza aplicada. Assim, serão usadas teorias que fazem referência à ideia de sanção (entendida como consequência), como fase de uma narrativa, segundo autores como Fiorin (2000), Barros (2005) e Greimas e Courtés (2008); além de teorias que mostram semelhanças e diferenças entre as narrativas mitológicas greco-romanas e amazônicas. Para o aprofundamento de tais autores, usaremos, como de praxe, o método de pesquisa bibliográfica.

Para atingirmos os objetivos propostos, devemos proceder, assim como já mencionado, com a pesquisa bibliográfica, sobretudo nos estudos de literatura clássica, investigando obras literárias cujo teor principal é a mitologia, e com narrativas greco-romanas, como *Metamorfoses*, do poeta Ovídio (OVÍDIO, 2017), e a *Odisseia*, de Homero (HOMERO, 2014). No que tange às narrativas amazônicas, lançaremos mão de obras literárias e estudos que abordam a presente temática, como *Histórias da terra e do céu*, de Douglas Tufano (TUFANO, 2014), e *Lendas e mitos do Brasil*, de Maria Antonieta Pereira (PEREIRA, 2007).

Por conseguinte, esta pesquisa, no que tange à analogia, analisará os desfechos que ocorrem com personagens específicos nas narrativas das duas culturas citadas, a fim de mostrar

quais as sanções eufóricas e disfóricas nesses mitos, estabelecendo pontos semelhantes e diferentes.

Para melhor leitura, este trabalho está dividido em duas seções. A primeira é destinada ao desenvolvimento do referencial teórico, constando a definição de sanção e suas classificações; a segunda, à definição de metamorfose, como também uma breve visão sobre as mitologias greco-romana e amazônica. Ainda na segunda seção, encontram-se duas subseções: a primeira é referente à sanção eufórica; a segunda, à disfórica.

## 1 A SEMIÓTICA GREIMASIANA

Por ser uma teoria das significações, o objeto de estudo da semiótica é o signo. De acordo com o dicionário Aurélio (FERREIRA, 1999), a palavra semiótica vem do grego, *semeiotiké*, a arte dos sinais, denominação utilizada principalmente pelos autores norte-americanos, para a ciência geral do signo, a semiologia. Desse modo, essa ciência é, de maneira geral, o ramo que estuda os signos ou a significação. Nesse sentido, outras definições semelhantes destacam-se. De acordo com Greimas e Courtés (2008), a semiótica é uma teoria da significação, cuja principal preocupação é explicar as condições de apreensão e da produção do sentido.

Seja um texto verbal, não verbal ou sincrético<sup>3</sup>, um texto deve ser compreendido e definido por sua estrutura e organização interna e também pelas terminações de contexto. Nessa conjunção, Barros (2005, p. 13) diz que “a semiótica deve ser assim entendida, como a teoria que procura explicar os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo.”

Conforme Barros (2005, p.11), a semiótica tem por objetivo o texto, ou melhor, procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. Diante disso, pode-se dizer que, o texto, para a semiótica, é definido com a percepção de dois lados que se integram. O primeiro aspecto diz respeito à organização ou estruturação, que compreende a análise interna e estrutural do texto, como também a análise dos procedimentos e mecanismos que o estruturam. O segundo aspecto versa sobre o objeto de comunicação, que trata da análise externa do texto, uma análise externa que pode ser compreendida, por exemplo, como o contexto sócio-histórico. Ponderando os dois lados/aspectos apresentados, entende-se que um

---

<sup>3</sup> Nesse caso, texto que é simultaneamente verbal e não verbal.

texto só pode existir por inteiro quando construído por ambos os aspectos, formando uma totalidade.

Segundo Fiorin (2000, p.15-38), a semiótica greimasiana, no que se refere aos métodos relacionados à leitura e à análise de textos, manifesta-se como uma enorme colaboração, dado que permite analisar textos segundo três níveis, os quais constituem o Percurso Gerativo de Sentido<sup>4</sup>. Destarte, a análise dos níveis permite ao leitor a compreensão mais íntegra de um texto, perscrutando as precisas camadas da narrativa, o que levará a percepção dos efeitos produzidos pelo texto.

No Percurso Gerativo de Sentido, o primeiro nível, definido como o mais simples e mais abstrato, é denominado nível fundamental ou das estruturas fundamentais, é nele que há o aparecimento da significação como uma oposição de sentidos. À vista disso, a fim de criar uma construção de valores, é preciso que trace aspectos de oposição, por exemplo, a ideia de amor *versus* ódio dentro de um texto.

No segundo nível, chamado de nível narrativo, ou das estruturas narrativas, encontra-se a organização da narrativa, do ponto de vista de um sujeito. Conseqüentemente, nesse plano, a narrativa se configura em uma mudança ocorrida com base em dois estados ininterruptos e diferentes: enunciado de estado<sup>5</sup> e enunciado de fazer<sup>6</sup>.

No nível discursivo, que é o terceiro nível, as formas abstratas são revestidas de termos que lhes dão concretude (FIORIN, 2000). Assim, o nível terceiro é o das estruturas discursivas ou somente do discurso. Nesse nível, o sujeito da enunciação é quem assume a narrativa.

Neste trabalho, aprofundamos o desenvolvimento do segundo nível, o nível narrativo, que compreende os enunciados de estado e de fazer, neste encontrando-se as transformações de um estado e de outro, e naquele encontrando-se a relação de junção (conjunção e disjunção)<sup>7</sup>.

As narrativas, precipuamente as mais complexas, seguem uma estrutura com base em quatro fases distintas para um íntegro desenvolvimento. Nesse sentido,

Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizados hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se em uma sequência

---

<sup>4</sup> Sucessão de patamares que vai do mais simples ao mais abstrato na interpretação de um texto. (BARROS, p. 84, 2005).

<sup>5</sup> São os enunciados que indicam se o sujeito está em conjunção ou em disjunção com os objetos dentro da narrativa (FIORIN, 2000, p. 21).

<sup>6</sup> São os enunciados que mostram o processo de transformação, ou seja, é quando o sujeito passa, por exemplo de pobre a rico durante a narrativa. (FIORIN, 2000, p. 21).

<sup>7</sup> A relação de junção refere-se ao estado do sujeito, por exemplo, quando um personagem está saudável e alegre, diz-se que ele está em conjunção com a saúde e com a alegria, por outro lado, quando ele está doente e triste, diz-se que ele está em disjunção com a saúde e com a alegria.

canônica. Que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção. (FIORIN, 2000, p. 22)

A manipulação, dentro da narrativa, constitui-se como a primeira fase, é nesse momento que ocorre de um personagem ser induzido por outro a fazer alguma coisa. Diante disso, o personagem manipulado sofre manipulações que podem acontecer por diferentes meios, em outras palavras, o manipulador pode se utilizar das seguintes formas para induzir uma ação desejada: provocação, sedução, intimidação e tentação.

Na fase da manipulação, um sujeito age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Quando um pai determina que o filho lave o carro, ocorre uma manipulação e o filho passa a ser um sujeito segundo o dever, embora não necessariamente segundo o querer. Lembramos que o sujeito é um papel narrativo e não uma pessoa. (FIORIN, 2000, p. 22)

Na competência, o personagem manipulado necessita mostrar seu poder de agir, ou seja, precisa mostrar seu potencial e ser competente para realizar a ação induzida anteriormente pelo manipulador. Normalmente, é nessa fase que são expostos os atributos do personagem, para que torne a ação possível. Tal como, para que uma atividade de matemática seja resolvida, o aluno necessita ter prestado atenção na aula do conteúdo referente à atividade. Por conseguinte, a competência do aluno seria mostrada pelo fato de este deter conhecimento para resolver o problema.

Após o personagem mostrar que tem competência, ocorre a ação, que pode ser entendida como a *performance*. E assim como toda ação tem uma reação, uma consequência, haverá para o personagem ganhos ou perdas, acontecendo de o personagem perder ou ganhar uma luta, por exemplo, ou conseguir resolver corretamente uma questão de matemática, o que já reflete, dentro de uma narrativa, a última fase, denominada sanção.

Por motivo de complexidade na narrativa, o leitor/ouvinte depara-se com todos os elementos citados, no entanto, nem sempre acaba por perceber os três primeiros com clareza, dando atenção apenas ao último elemento, a sanção. Como aponta Fiorin (2000, p. 22),

A última fase é a sanção. Nela ocorre a constatação de que a *performance* se realizou e, por conseguinte, o reconhecimento do sujeito que operou a transformação. Eventualmente, nessa fase, distribuem-se prêmios e castigos. Nas narrativas conservadoras, o bem é sempre premiado e o mal, punido.

A sanção é, no sentido lato, como mencionado acima, um resultado, uma consequência, um efeito da *performance*, no qual o personagem pode ganhar ou perder. Esta última fase

divide-se em eufórica e disfórica, esta dada como negativa e aquela como positiva, o que exerce um papel tamanho no desfecho das narrativas e entrega um ponto absoluto para o leitor ou ouvinte. Na sanção, não está precisamente uma decisão sob a forma de punição ou de castigo, mas o que se tem de fato é a realização da *performance*, trata-se, na verdade, das descobertas do que é verídico sobre os personagens e suas ações dentro do enredo, e assim se dá o reconhecimento dos bondosos e a revelação dos maldosos. (FIORIN, 2000, p. 23-24).

A última fase pode se dividir em duas partes, isto é, sanção cognitiva ou interpretação e sanção pragmática ou de retribuição. Na primeira, tem-se uma leitura, na qual o sujeito é julgado pelo destinador, mostra-se a escolha que o sujeito fez e os princípios com os quais se relaciona dentro da narrativa. A leitura é realizada com base no que é verídico, ponderando o estado e o fazer do sujeito. (BARROS, 2005, p. 35). Em aquiescência com Silveira (2014),

de forma grosseira, o destinador-julgador analisa as ações do sujeito e lhe aplica a recompensa ou a punição pelo que fez durante a narrativa. Para este julgamento, o destinador-julgador se vale das modalidades veridictórias do sujeito: neste ponto de análise têm-se sujeitos verdadeiros (que parecem e são), falsos (que não parecem e não são), secretos (que não parecem e são) e mentirosos (que parecem e não são).

Na segunda parte, sanção pragmática ou de retribuição, há o reconhecimento do sujeito, isto posto, pode ser reconhecido de maneira positiva, recebendo sua retribuição, que será uma recompensa. Por outro lado, pode ter um reconhecimento de maneira negativa, e receberá sua retribuição sob forma de punição (BARROS, 2005, p. 37). Ainda, nas palavras de Barros (2005), “a retribuição, como recompensa ou punição, faz parte da estrutura contratual inicial e restabelece o equilíbrio narrativo, pois é o momento de o destinador cumprir as obrigações assumidas com o sujeito, na hora da manipulação.”

De acordo com Greimas e Courtés (2008, p. 389),

A sanção pragmática é um juízo epistêmico, proferido pelo Destinador-Julgador sobre a conformidade dos comportamentos e, mais precisamente, do programa narrativo do sujeito “performante” em relação ao sistema axiológico de justiça, de “boas maneiras”, de estética, etc.

À face do exposto, tratando-se de narrativas, entendemos que todas essas fases da transformação podem estar presentes em diversos gêneros, como é o caso que nos interessa, dos mitos, que se define como um gênero que sobrevive às dimensões do tempo e vive nas tradições de muitos povos. Em vista disso, este artigo utiliza-se da fase sanção, colocando-a

como ponto de intersecção para uma comparação entre as narrativas mitológicas de duas culturas.

## 2 A METAMORFOSE COMO UMA SANÇÃO

As narrativas mitológicas como um todo apresentam estruturas complexas, que podem ser analisadas nos níveis apresentados pelo Percurso Gerativo de Sentido. Ao ler muitos desses mitos, é observável o nível fundamental, nível narrativo e o nível discursivo. Para tanto, um ponto importante a ser analisado é o referente à sanção.

Um desfecho satisfatório, para muitas narrativas, dá-se, como já mencionado, por meios de um ponto absoluto, particularmente quando traz ensinamentos de condutas, o que implica, para um povo, a religiosidade. Isso significa que, nas narrativas, quando os protagonistas eram os deuses, e estes eram castigados ou castigavam por determinada atitude, havia nisso uma reflexão sobre o bem e o mal, sobre o certo e o errado, e influenciava na conduta de como os indivíduos deveriam agir para que não fossem punidos, mas, sim, recompensados.

Sobre essas narrativas versáteis, os mitos eram contados de maneira oral, no entanto, os gregos fizeram muitos registros por meio da escrita, o que faz com que até hoje tenhamos um conhecimento considerável sobre muitos desses mitos. Nesta perspectiva,

Os mitos gregos só se conhecem através da forma escrita e das imóveis composições da arte figurada, o que, aliás, é comum a quase todas as mitologias antigas. Ora, a forma escrita desfigura o mito de algumas de suas características básicas, como, por exemplo, de suas variantes, que se constituem no verdadeiro pulmão da mitologia. Com isso, o mito se enrijece e se fixa numa forma definitiva. De outro lado, a forma escrita o distancia do momento da narrativa, das circunstâncias e da maneira como aquela se converteria numa ação sagrada. Um mito escrito está para um mito “em função”, como uma fotografia para uma pessoa viva. E se é verdade que a forma escrita é uma característica das mitologias antigas, a grega ainda está comprometida por outra particularidade. Mitos existem, fora do mundo grego, que, mesmo em sua rígida forma escrita, conservaram um nítido e indiscutível caráter religioso: são aqueles cujo contexto tem um cunho ritual. (BRANDÃO, 2008, p. 25).

Os mitos, expressos em sua maior parte pela cultura greco-romana, também se constituem por narrativas de outras culturas, tal como narrativas da cultura amazônica, que também apresentam, nos mitos, os deuses como protagonistas, e que também mostra sanções significativas, tocando na religiosidade. Diante disso, Simonetti (2003, p. 59) afirma que

[...] até o século passado houve uma ignorância sobre o que seja realmente a cultura mitológica desta região, uma vez que só recentemente é que surgiu um interesse em sistematizar e quem sabe, universalizar a cultura amazônica, pois ao se fazer comparações com a literatura já existente sobre os mitos percebe-se que as narrativas mitológicas indígenas da região possuem as mesmas características estruturais defendidas nas teorias existentes sobre o assunto, que foram fomentadas após estudos nos demais mitos considerados universais.

Para o povo amazônico, seus pensamentos são reunidos pelas narrativas que o cercam. Em sua maioria, essas narrativas são populares e costumam celebrar uma tradição. É uma maneira de mostrar os saberes de um povo, o que torna uma cultura rica por histórias que perpassam o tempo, passando de geração a geração por meio da oralidade, é a manifestação da crença. Sobre essas histórias, é muito comum que sejam repassadas de maneira oral, normalmente em áreas rurais, em horários de trabalhos e durante as noites em que se encontram descansando, esses momentos mencionados são tidos como parte de uma tradição. Para Fonseca (2019, p. 8),

Assim, são nesses momentos de convívio com o outro, de ajuda recíproca, de partilha e troca de trabalhos, que as narrativas amazônicas se fazem presente. Os ajuris, como são conhecidos os trabalhos coletivos, são as poucas ocasiões em que as histórias oriundas do imaginário popular, de personagens lendários, são evidenciadas, compartilhadas e contadas de acordo com a capacidade imaginativa de seu narrador.

As duas culturas aqui trabalhadas apresentam semelhanças quanto as suas narrativas, maiormente no gênero mito.

Procurando enfatizar a proximidade entre os mitos gregos e os amazônicos, buscando ressaltar a riqueza e valor dos segundos, recorreremos à palavra Irmão de colaço. Com ousadia dizemos que entre ambos, de certa forma, há essa relação de irmandade. Mesmo gerados por “mães” diferentes, no caso a cultura e o espaço/tempo distintos, nota-se neles elementos de aproximação: personagens, situações, discursos, “sentimentos” etc. A mesma inquietação frente ao não explicável, o mesmo sentimento de busca de respostas moveu esses dois povos a criarem, de forma cognitiva e emocional, os mitos e lendas. (NASCIMENTO, 2016, p. 182).

Nessa conjuntura, tratando-se da semelhança entre ambas as culturas mencionadas, observa-se também o processo utilizado para a execução do castigo ou da recompensa dentro de suas narrativas. Ante o exposto, é imprescindível citar a transformação como parte desse processo, se não como todo o processo. Exemplos de tais transformações são explícitos na obra

*Metamorfoses*, de Ovídio, como do mito de Jacinto<sup>8</sup> (*Met.* 10.162-219); e em relação às narrativas amazônicas, podemos lembrar de lendas como, por exemplo, a Lenda da Caboré<sup>9</sup>. Essas narrativas mostram a metamorfose como momento importante da narratividade, aqui analisadas como parte essencial para a sanção.

Quando pensamos em metamorfose, imaginamos logo a transformação de animais, como o caso em que uma lagarta se transforma em borboleta, ou até mesmo na transformação do girino em sapo. De acordo com dicionário da Academia Brasileira de Letras (DICIONÁRIO, 2008), “metamorfose” significa mudança completa de forma; modificação, transformação, transmutação. Na literatura, em especial nos mitos, a metamorfose não ocorre de maneira muito diferente, no entanto, há algumas particularidades que envolvem tal ação, como é o exemplo de a transformação ocorrer não por maneira natural, mas, sim, como consequência de uma ação, o que é presente em muitas obras, precipuamente em *Metamorfoses*, do poeta Ovídio. Conforme Santos e Atik (2011, p. 32), “a metamorfose se apresenta, em Ovídio, como uma espécie de continuidade, pois aquele que é transformado em animal, em planta, em pedra, não morre apenas, mas permanece, de alguma forma, em uma alteridade.”

Ademais, essa transformação ocorre não só na mitologia greco-romana, como também em narrativas de outras culturas, tal como nas narrativas da cultura amazônica, porque perpassa o tempo e se engendra com o fantástico.

Na literatura fantástica, a metamorfose também é um tema recorrente. Segundo Vânia Pimentel (2002: 45), a expressão literatura fantástica se refere a uma variedade da literatura ou a um gênero literário que propõe uma nova visão da realidade, uma diversa transfiguração, que tenta romper estreitos limites, conduzindo o leitor a um universo mítico, onde o real e o irreal, o verossímil e o inverossímil se interpenetram em uma atmosfera de hesitação de tal forma que “ser fantástico” é ser incomum, é ser duplo, é transformar o múltiplo no uno, em um processo instigante. (SANTOS, 2011, p. 33).

---

<sup>8</sup> Jacinto era um jovem mortal muito amado por Febo (Apolo). Certo dia, quando estavam juntos, Apolo lançou o disco com tal habilidade típica de um deus, então Jacinto segue o disco com os olhos e tentou pegá-lo para que pudesse ter a oportunidade de lança-lo. Zéfiro (o vento do oeste) também amava Jacinto e, com ciúmes, usou sua habilidade para alterar o curso do disco, que atingiu a testa de Jacinto. Apolo percebeu e correu para socorrê-lo, mas não conseguiu curar a grave ferida. Sentindo-se culpado, Apolo o transformou em uma linda flor, para que o jovem vivesse para sempre.

<sup>9</sup> Na tribo dos Tefés, existia uma bela índia cujo nome era Caboré. Ela era uma guerreira muito valente. Certo dia Caboré saiu para caçar e demorou para retornar. Então, o guerreiro Apiá, que era apaixonado por ela, saiu em sua procura, mas não a encontrou. Cansado, o guerreiro suplicou ajuda ao deus Tupã, que pediu que Apiá olhasse para a água. Na água estava sua amada, sem vida. Assim como o guerreiro, toda a aldeia ficou muito triste e Tupã decidiu transformar a bela índia em uma grande árvore, a castanheira. (SCHWAMBORN; FONSECA, 2020, p. 41)

Assim, nas duas culturas a alteridade se faz presente, uma vez que as narrativas mitológicas se utilizam dela a fim de explicar o ponto de relação entre os mundos e entre entes de um mesmo mundo. Em conformidade com Santos (2011, p. 34),

A metamorfose é uma transformação sobrenatural de um ser como resultado tanto de uma intervenção exterior, quanto de uma mutação interna provocada por grande sofrimento. A metamorfose torna-se, portanto, o melhor meio de explicar e justificar, poeticamente, a inter-relação do mundo humano tanto com o mundo da natureza quanto com o mundo divino.

Em consideração ao que foi apresentado, neste trabalho a metamorfose junta-se à sanção para mostrar uma analogia entre textos que expõem a mitologia de sociedades que se encontram distantes no espaço e no tempo.

## 2.1 SANÇÃO EUFÓRICA

Com base no que foi exposto, prosseguiremos com a análise e comparação das narrativas greco-romanas e amazônicas no que tange à sanção dada como eufórica, abrangendo, quando houver, a sanção cognitiva e a pragmática. Na presente subseção, encontram-se as narrativas “Sete Meninas na Terra, Sete Estrelas no Céu”<sup>10</sup> e “Mito de Órion”, com suas respectivas análises. As duas narrativas são parte do *corpus* deste trabalho, a primeira para exemplificar a cultura amazônica, e a segunda, a cultura greco-romana. Vejamos, inicialmente, a narrativa “Sete Meninas na Terra, Sete Estrelas no Céu”:

Era uma vez sete irmãs indiazinhas. Elas tinham só um ano de diferença entre si, por isso, quando ficavam lado a lado, formavam uma escadinha. A mais nova tinha cinco anos; a mais velha, onze.

Elas viviam numa aldeia com os pais e outros índios. Tinham uma vidinha boa e tranquila, comiam bem, brincavam e ajudavam a mãe no seu trabalho.

Mas, num certo ano, houve um grande período sem chuva. A terra foi ficando cada vez mais seca. As águas do rio foram baixando, baixando, até que se transformou num caminho de barro seco.

A comida começou a faltar. A aldeia passava fome e sede. O pouquinho de água que havia nas poças era guardado e economizado. Os índios saíam pela mata para procurar alguma fruta para comer ou algum animal para caçar, mas nem sempre encontravam.

As sete irmãzinhas agora viviam tristes. Estavam magrinhas, magrinhas. Um vento qualquer as derrubava.

Uma noite, sentadas em roda e olhando o céu escuro, pontilhado de estrelas, uma delas disse: – Ah, se a gente pudesse ir viver lá nas estrelas! Tenho certeza de que lá não falta comida nem água. A vida deve ser muito boa lá em cima!

---

<sup>10</sup> Foi registrada por Douglas Tufano. É uma narrativa pertencente aos indígenas da tribo Caxinauás (ou Kaxinawá), da região do Acre.

– E se a gente pedisse à estrela Ueré que nos levasse embora daqui? – disse uma das suas irmãs.

– Boa ideia! – repetiram as outras.

E começaram a dançar e cantar em roda, de mãos dadas, para chamar a estrela Ueré. Um vento começou a soprar no terreiro. Era um vento fraquinho, mas logo foi ficando cada vez mais forte. De repente, as sete irmãs perceberam que estavam... subindo! A aldeia foi ficando lá embaixo, cada vez menor, até que sumiu de vez. Agora, elas estavam voando pelo céu escuro.

Mas em vez de ir até a estrela Ueré, as meninas é que se transformaram em estrelas. E lá estão elas no céu, felizes, até hoje. Sete estrelas, pertinho umas das outras, iluminando nossas noites.

Conforme já mencionado, as narrativas, sobretudo as mais complexas, geralmente seguem uma estrutura que pode ser dividida em quatro partes, essa complexidade está presente na narrativa apresentada, uma vez que se observa claramente partes como, por exemplo, a manipulação por meio de súplica e a competência por meio do poder fazer da deusa, assim também como a *performance*. Na fase sanção, podemos encontrar os dois tipos: sanção cognitiva e a sanção pragmática.

No que se refere à sanção cognitiva, Ueré, que é a destinadora, nas entrelinhas, faz uma leitura na qual são julgadas as sete meninas. Nessa parte da sanção, o sujeito deve ser julgado por suas escolhas e pelos princípios com os quais está ligado, assim, como as sete meninas decidem por adorar à lua e por estarem ligadas à pobreza e ao sofrimento, não há motivos para receberem punição. Isso implica analisar a segunda parte e tipo de sanção, a sanção pragmática, que versa sobre recompensa ou punição. O fato de as sete meninas terem sido transformadas em estrelas nos revela a sanção pragmática, uma recompensa com base na primeira parte da sanção.

Nessa narrativa, a fase final pode ser descrita como uma sanção eufórica, isto significa um resultado positivo, uma vez que as sete meninas deixam o espaço terreno e passam a existir como uma constelação, que fora, inicialmente, o pedido por elas. Além disso, tal sanção pode ser entendida como eufórica por outro motivo, isto é, o fato de suas transformações terem ocorrido por motivo de condescendência e ter como resultado um elemento cosmogônico, as estrelas.

Os gregos e os romanos também criaram narrativas que versam sobre a cosmogonia, assim, analisaremos o Mito de Órion. O Mito de Órion é uma das narrativas gregas que mais

possui variações, no entanto, em todas as versões ele é descrito como um grandioso caçador<sup>11</sup>, além de possuir uma alta beleza<sup>12</sup>.

Em meio as tantas versões sobre essa narrativa, duas versões se destacam, as quais podem ser encontradas na obra *Catasterismos* de Eratóstenes de Cirene<sup>13</sup>.

Hesíodo diz que este [era filho] de Euríale, Minos, e Poseidon, e que lhe foi concedido um dom, o de andar sobre as ondas assim como sobre a terra. E, tendo partido para Quios, Órion, estando bêbado, violentou Mérope, [a filha de] Enópion. E, ao tomar conhecimento [disso], Enópion enfureceu-se com a violência, cegou [Órion] e o expulsou da ilha. E, tendo partido para Lemnos, andando sem rumo, encontrou-se com Hefesto, que, tendo piedade dele (Órion), concedeu-lhe como escravo doméstico Cedálion, o seu próprio escravo, para guiá-lo (e o conduzir). Tomando-o sobre os ombros, carregava-o, para que ele lhe indicasse o caminho. Tendo ido para o leste e se encontrado com Hélio, ao que parece, foi curado [da cegueira]. Desse modo, ele pretendia voltar até Enópion para se vingar. Porém, os seus concidadãos o esconderam sob a terra. Assim, tendo perdido a esperança de encontrá-lo [Enópion], partiu para a ilha de Creta e passava o tempo caçando feras na companhia de Ártemis e Leto. Ao que parece, [Órion] se vangloriou [dizendo que] pegaria qualquer fera que houvesse sobre a terra. E a Terra, tendo se irritado com ele, fez surgir um grande escorpião, por cujo ferrão, [Órion], tendo sido ferido, morreu. A partir de então, Zeus o colocou entre os astros por causa de sua coragem e [por causa] [de as deusas] Ártemis e Leto terem-no honrado. Igualmente, [colocou entre os astros] o animal, como uma memória do acontecimento. Outros dizem que, ao crescer, ele [Órion] apaixonou-se por Ártemis, e ela lançou contra ele o escorpião, pelo qual, ao ser atacado, morreu. Mas os Deuses tiveram piedade dele e colocaram a ele e ao animal entre as estrelas do céu, como uma memória do acontecimento. Na cabeça, possui três estrelas pouco brilhantes; perto de cada um dos ombros, uma [estrela] brilhante; no cotovelo direito, uma pouco brilhante; na extremidade da mão, uma <também pouco brilhante> [duas pouco brilhante]; na cintura, três; no punhal, três [estrelas] brilhantes; perto de cada um dos joelhos, uma brilhante; próximo de cada um dos pés, também [possui] uma brilhante. Tem um total de 17 [estrelas].<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Depois dele, percebi o portentoso Órion / agrupando feras pelo prado de asfódelos, / as que ele mesmo matou em montanhas solitárias, / com estaca toda brônzea nas mãos, inquebrável. (τὸν δὲ μέτ' Ὠρίωνα πελώριον εἰσενόησα / θήρας ὁμοῦ εἰλεῦντα κατ' ἀσφοδελὸν λειμῶνα, / τοὺς αὐτὸς κατέπεφνεν ἐν οἰοπόλοισιν ὄρεσσι / χερσὶν ἔχων ρόπαλον παγγάλκεον, αἰὲν ἀαγές.) (Livro XI. vv. 572-575).

<sup>12</sup> A eles nutriu o solo fértil para serem os mais altos / e, de longe, os mais belos depois do glorioso Órion; / com nove anos, de fato, tinham nove cúbitos / de largura, e de altura alcançavam nove braças. (οὓς δὴ μηκίστους θρέψε ζείδωρος ἄρουρα / καὶ πολὺ καλλίστους μετὰ γε κλυτὸν Ὠρίωνα· / ἐννέωροι γὰρ τοῖ γε καὶ ἐννεαπήχεες ἦσαν / εὖρος, ἀτὰρ μῆκος γε γενέσθην ἐννεόργυιοι.) (Livro XI. vv. 309-312).

<sup>13</sup> Tradução de Eduardo Duarte Moreira (MOREIRA, 2021).

<sup>14</sup> Τοῦτον Ἡσίοδος φησιν Εὐρυάλης τῆς Μίνωος καὶ Ποσειδῶνος εἶναι, δοθῆναι δὲ αὐτῷ δωρεὰν ὥστε ἐπὶ τῶν κυμάτων πορεύεσθαι καθάπερ ἐπὶ τῆς γῆς. ἐλθόντα δὲ αὐτὸν εἰς Χίον Μερόπην τὴν Οἰνοπίωνος βιάσασθαι οἰνωθέντα, γνόντα δὲ τὸν Οἰνοπίωνα καὶ χαλεπῶς ἐνεγκόντα τὴν ὕβριν ἐκτυφλῶσαι αὐτὸν καὶ ἐκ τῆς χώρας ἐκβαλεῖν· ἐλθόντα δὲ εἰς Λῆμνον ἀλητεύοντα Ἡφαίστω συμμίξαι, ὃς αὐτὸν ἐλεήσας δίδωσιν αὐτῷ Κηδαλίωνα τὸν αὐτοῦ [οἰκεῖον] οἰκέτην, ὅπως ὀδηγῆ [καὶ ἡγήται αὐτοῦ]· ὃν λαβὼν ἐπὶ τῶν ὤμων ἔφερε σημαίνοντα τὰς ὁδοὺς· ἐλθὼν δ' ἐπὶ τὰς ἀνατολὰς καὶ Ἡλίῳ συμμίξας δοκεῖ ὑγιασθῆναι καὶ οὕτως ἐπὶ τὸν Οἰνοπίωνα ἐλθεῖν πάλιν, τιμωρίαν αὐτῷ ἐπιθήσων· ὃ δὲ ὑπὸ τῶν πολιτῶν ὑπὸ γῆν ἐκέκρυπτο. ἀπελίπας δὲ τὴν ἐκείνου ζήτησιν ἀπῆλθεν εἰς Κρήτην καὶ περὶ τὰς θήρας διῆγε κυνηγετῶν τῆς Ἀρτέμιδος παρουσίας καὶ τῆς Λητοῦς, καὶ δοκεῖ ἀπειλήσασθαι ὡς πᾶν θηρίον ἀνελεῖν τῶν ἐπὶ τῆς γῆς γιγνομένων· θυμωθεῖσα δὲ αὐτῷ <ή> Γῆ ἀνῆκε σκορπίον εὐμεγέθη, ὕφ' οὗ τῷ κέντρῳ πληγεὶς ἀπόλετο· ὅθεν διὰ τὴν αὐτοῦ ἀνδρίαν ἐν τοῖς ἀστροῖς αὐτὸν ἔθηκεν ὁ Ζεὺς ὑπὸ Ἀρτέμιδος καὶ Λητοῦς ἀξιώθεις, ὁμοίως καὶ τὸ θηρίον τοῦ εἶναι μνημόσυνον [καί] τῆς πράξεως. ἄλλοι δὲ φασιν αὐξηθέντα

Apesar das variações das narrativas, pode-se afirmar que há um fato que não se altera, isto é, Órion morre. Podemos constatar isso ainda no Canto V (v. 121-124) da obra *Odisseia*:

Assim, quando a Órion agarrou Aurora dedos-róseos, 121  
 com ela irritaram-se os deuses de vida tranquila  
 até que a ele, em Ortígia, a trono-dourado, pura Ártemis,  
 com suas flechas suaves, veio e o matou.

Ainda que muitas versões deste mito se perpetuem na escrita e na oralidade, para além de sua morte, há um outro ponto único que todas deixam claro, sem alteração, esse ponto inalterado compete à sanção da história, melhor dizendo, a transformação do caçador em uma constelação.

No Mito de Órion, é visível uma sanção muito significativa. Nesta narrativa, também podemos considerar tanto a sanção cognitiva quanto a pragmática. No que se refere à cognitiva, podemos levar em consideração a atitude dos deuses, que, nesse caso, são os destinadores que julgaram Órion de maneira boa, graças ao seu poder e sua força, além de, em algumas versões, Órion ser amigo de Ártemis e Leto. Nas versões em que Orion não é amigo de Ártemis, mas, sim, é morto por ela, os deuses ainda o julgam por seus poderes e suas lutas, tendo piedade. Quanto à sanção pragmática, Órion é transformado em uma constelação, o que, para muitos gregos e romanos, é uma retribuição, uma vez que Órion é reconhecido por suas vitórias enquanto caçador.

Assim como a deusa Ueré da lenda amazônica, os deuses gregos também foram condescendentes com o guerreiro da história, fazendo com que sua metamorfose tivesse um resultado significativo, no caso a criação de novas estrelas, o que também está ligado à cosmogonia.

Parte da cosmogonia, como o surgimento do sol, da lua e de muitas constelações, é explicada por muitas narrativas mitológicas. Os indígenas acreditam que o nível celeste é a parte mais pura e divina do universo. Percebe-se a adoração pelo céu nos registros de Laraia (2005, p. 8),

---

τοῦτον ἐρασθῆναι τῆς Ἀρτέμιδος, τὴν δὲ τὸν σκορπίον ἀνευγχεῖν κατ' αὐτοῦ, ὕφ' οὗ κρουσθέντα ἀποθανεῖν, τοὺς δὲ θεοὺς ἐλεήσαντας αὐτὸν ἐν οὐρανῷ καταστερίσαι καὶ τὸ θηρίον εἰς μνημόσυνον τῆς πράξεως.  
 Ἔχει δ' ἀστέρας ἐπὶ μὲν τῆς κεφαλῆς γ' ἄμαυρούς, ἐφ' ἑκατέρῳ ὤμῳ λαμπρὸν α', ἐπὶ τοῦ δεξιοῦ ἀγκῶνος <ἀμαυρὸν> α', ἐπ' ἄκρας χειρὸς <ὁμοίως ἀμαυρὸν> α' [ἄμαυρούς β'], ἐπὶ τῆς ζώνης γ', ἐπὶ τοῦ ἐγγχειριδίου γ' λαμπρούς, ἐφ' ἑκατέρῳ γόνατι λαμπρὸν α', ἐφ' ἑκατέρῳ ποδὶ ὁμοίως λαμπρὸν α'. <τοὺς πάντας ιζ'>.

Utilizamos a palavra “céu” para indicar o local onde vivem as almas dos antepassados e o herói mítico e principal ancestral, Mahyra. Existem divergências a respeito desse local: os suruí e os assurinis referem-se a uma região acima das nuvens, a que se chega através da itakuara. Os guaranis preferem se referir a uma “terra sem males”.

Assim como nas narrativas amazônicas, em muitas narrativas greco-romanas, a cosmogonia está associada aos deuses. Desse modo, quando se tem uma metamorfose com resultado cosmogônico, afirma-se que o personagem da história desfrutou de uma sanção eufórica, ou seja, a consequência foi fortemente positiva.

Assim creem os gregos e também os romanos, *i.e.*, o céu se concretiza por ser a morada dos deuses e destino dos fiéis mortos, ademais, creem em uma apoteose. No seguinte trecho, de autoria de Roda (2012, p.35), observa-se a crença na apoteose:

Destaca-se, particularmente, esse aspecto do culto familiar para a sua evolução no contexto do Estado com Júlio César, mas principalmente, na Era de Augusto, quando os imperadores seriam, então, considerados deuses encarnados e teriam seus espíritos admitidos no panteão dos deuses por meio de uma deificação, a apoteose, e receberiam cultos, oferendas e sacrifícios especiais do povo em troca de auxílio e proteção.

Nesta primeira parte da análise, observa-se que tanto a sociedade greco-romana quanto a sociedade amazônica possuem narrativas mitológicas nas quais há sanções por meio de metamorfose, além disso, ambas possuem as sanções cognitiva e pragmática no que se refere aos resultados eufóricos, Os quais podem estar relacionados à cosmogonia, de modo que, as boas ações na terra podem ser recompensadas com algo que se aproxima dos deuses, já que o céu seria o espaço deles.

Nessas transformações, não podemos ponderar somente uma consequência boa, mas também resultados muito ruins. Esses resultados também se apresentam nas narrativas greco-romanas e amazônicas, mostrando a distinção do fazer certo e errado, e que, em muitos casos, os deuses se utilizam da intransigência nos momentos de julgamento, o que nos leva a discutir uma sanção disfórica.

## 2.2 SANÇÃO DISFÓRICA

Tal como na seção anterior, esta visa expor as narrativas greco-romanas e amazônicas, também com suas análises e comparações. No entanto, desta vez, serão analisadas as narrativas

“A Lenda do Pirarucu”<sup>15</sup> e “O Mito de Acteão”<sup>16</sup>, com foco na sanção disfórica, como também na sanção cognitiva e pragmática. Começamos com uma narrativa da lenda do Pirarucu.

#### A Lenda do Pirarucu

O pirarucu é um peixe da Amazônia, cujo comprimento pode chegar até 2 metros. Suas escamas são grandes e rígidas o suficiente para serem usadas como lixas de unha, como artesanatos ou simplesmente vendidas como *souvenirs*.

A carne do pirarucu é suave e usada em pratos típicos da região. Pode também ser preparada de outras maneiras, frequentemente salgada e exposta ao sol para secar. Se fresca ou seca, a carne do pirarucu é sempre uma delícia em qualquer receita.

Pirarucu era um índio que pertencia a tribo dos Uaiás a qual habitava as planícies de Lábrea no sudoeste da Amazônia. Ele era um bravo guerreiro, mas tinha um coração perverso, mesmo sendo filho de Pindarô, um homem de bom coração e também chefe da tribo. Pirarucu era cheio de vaidades, egoísmo e excessivamente orgulhoso de seu poder.

Um dia, enquanto seu pai fazia uma visita amigável a tribos vizinhas, Pirarucu se aproveitou da ocasião para tomar como reféns os índios da aldeia e executá-los sem nenhum motivo. Pirarucu também adorava criticar os deuses.

Tupã, o deus dos deuses, observou Pirarucu por um longo tempo, até que cansado daquele comportamento, decidiu punir Pirarucu. Tupã chamou Polo e ordenou que ele espalhasse seu mais poderoso relâmpago na área inteira. Ele também chamou Iururaruçu, a deusa das torrentes, e ordenou que ela provocasse as mais fortes torrente de chuva sobre Pirarucu, que estava pescando com outros índios às margens do rio Tocantins, não muito longe da aldeia. O fogo de Tupã foi visto por toda a floresta. Quando Pirarucu percebeu as ondas furiosas do rio e ouviu a voz enraivecida de Tupã, ele somente as ignorou com uma risada e palavras de desprezo.

Então, Tupã enviou Xandoré, o demônio que odeia os homens, para atirar relâmpagos e trovões sobre Pirarucu, enchendo o ar de luz. Pirarucu tentou escapar, mas enquanto ele corria por entre os galhos das árvores um relâmpago fulminante enviado por Xandoré acertou o coração do guerreiro que, mesmo assim, recusou-se a pedir perdão.

Todos aqueles que se encontravam com Pirarucu correram para a selva, terrivelmente assustados. Depois o corpo de Pirarucu, ainda vivo, foi levado para as profundezas do rio Tocantins e transformado em um peixe gigante e escuro. Pirarucu desapareceu nas águas e nunca mais retornou, mas por um longo tempo ainda foi o terror da região.

Nesta lenda, podemos constatar que também há a presença dos dois tipos de sanção. A sanção cognitiva pode ser percebida no momento em que Tupã não pune o jovem maldoso logo nas primeiras maldades. Assim dizendo, aguarda que o Pirarucu demonstre mais atitudes e só então depois toma a decisão de puni-lo. O tempo em que o deus espera pelas ações de Pirarucu é exatamente o momento em que, implícito no texto, o deus Tupã julga seu comportamento e a quais princípios o jovem está ligado. Acerca da sanção pragmática, fica explícito o momento em que o Pirarucu é punido, sofrendo uma metamorfose que muda seu corpo e sua mente, fazendo com que ele habite, por vontade de sua natureza, as profundezas das águas escuras dos rios.

---

<sup>15</sup> Narrativa pertencente à região norte do Brasil, Amazonas. Essa lenda está inserida no livro *Lendas e mitos do Brasil*, de Maria Antonieta Pereira (PEREIRA, 2007).

<sup>16</sup> O Mito de Acteão está presente na obra *Metamorfoses* (3.138-252), de Ovídio.

O resultado da narrativa, em forma de punição, constitui um a sanção disfórica, dado que não eram bons os princípios aos quais o Pirarucu estava associado. Além disso, a metamorfose em animal mostra uma transição para um nível considerado inferior, isso reflete a visão que os humanos têm em relação ao ser irracional. Na transformação, o jovem, além de perder sua forma física, também perde seu consciente de humano, o que o faz viver em condições de animal aquático. Tupã o transforma ponderando as desvantagens que o jovem teria sendo um animal e não mais um humano.

Essa metamorfose em animal também está evidente em mitos greco-romanos, mormente como forma de punição. Desse modo, cabe aqui discutir o Mito de Acteão, que apresenta o Acteão, exímio caçador, filho de Aristeu e de Autônoe.

Enquanto a neta do Titã aí se banha com as costumadas águas,  
tendo interrompido os trabalhos e vagando ao acaso  
pelo bosque desconhecido, eis que o neto de Cadmo  
se abeira do recanto sagrado. Assim o conduz o destino.<sup>17</sup>

Acteão estava caçando próximo do vale chamado Gargáfia, com seus cães, além de outros homens que seguiam suas instruções. O jovem, sem querer, acaba por entrar em uma gruta, sem saber o que lhe esperava (Livro III, v. 173-176). Acteão entrou na gruta sem interesse algum de ver Diana e as ninfas, trechos da narrativa mostram sua inocência, como no caso do excerto que cita Cadmo, avô do jovem (v.138-142).

Ao adentrar na caverna e erguer sua cabeça, o caçador depara-se com as ninfas, que cercam Diana. No entanto, o corpo avultado de Diana destaca-se, pois a proporção de seu corpo não se assemelha ao tamanho dos corpos das ninfas (v. 177-182).

Embora estivesse rodeada e logo a nudez coberta pelos corpos das ninfas, Diana sentiu-se no papel de tomar uma ação, desse modo vira-se para trás e, com suas mãos, colhe água da fonte na qual tinha se lavado e salpica em direção ao rosto do jovem, proferindo as palavras da maldição (v. 192-193).

Após Diana anunciar as palavras, o corpo de Acteão entra em processo de metamorfose, deixando sua forma humana para assumir uma nova forma, a animal. Contudo, mesmo transformado em um animal, sua racionalidade, agora sua única parte humana, manteve-se.

E, sem mais ameaças, apõe a cabeça molhada  
chifres de longo veado, alonga-lhe o pescoço,  
torna-lhe pontiaguda a extremidade das orelhas,

195

---

<sup>17</sup>*Dumque ibi perluitur solita Titania lympha, / ecce nepos Cadmi dilata parte laborum / per menus ignotum non certis passibus errans / peruent in lucum; sic illum fata ferebant.* (Met. Livro III, vv. 173-176)

converte-lhe as mãos em patas e os braços em longas pernas,  
 cobre-lhe o corpo de uma pele marchetada.  
 Até o temor lhe manteve. O herói, o filho de Autônoe, fuge  
 e, enquanto corre, admira-se de ser tão veloz.  
 Ao ver na água a sua figura e os chifres, 200  
 ia para dizer: "Triste de mim!" Não teve palavras. Bramiu.  
 Foi essa a sua voz. Pela face, que não era a sua, rolaram lágrimas.  
 Só a inteligência se manteve igual. Que havia de fazer?  
 Retornar a casa e ao palácio real, ou sumir-se na floresta?  
 Impede-lhe a vergonha uma coisa, o medo impede-lhe a outra.<sup>18</sup> 205

Ao sofrer o processo de transformação, amedrontado por não se sentir mais humano, Acteão corre em rumo, na busca de se sentir humano, no entanto não se encontra como antes ao olhar seu reflexo na água. Ao pensar em seu futuro próximo, é caçado e sangrado por seus próprios cães, que são muitos.

Enquanto hesita, é visto pelo seus cães. Melampo  
 e o sagaz Icnóbata forma os primeiros a dar o sinal, ladrando.  
 Icnóbata, originário de Cnosso, Melampo, de raça espartana.  
 Mais rápidos que a rápida brisa, seguem-se os outros:  
 Pânfago, Dorceu e Oríbaso, todos da Arcádia; 210  
 o possante Nebrófono e o feroz Terão em conjunto com Lelaps;  
 Ptérela, excepcional na corrida, e Agre, pelo faro;<sup>19</sup>  
 [...]

Ele brame e produz um som que, não sendo humano,  
 não poderia um veado emití-lo, e enche as tão familiares quebradas  
 das serras com seus dolorosos bramidos. E, de joelhos em terra,  
 suplicante, semelhante a quem pede, em vez de braços, 240  
 roda sua muda face em todas as direções. Mas seus companheiros,  
 na ignorância de tudo, atacam a veloz matilha com os habituais brados  
 e, com o olhar, procuram a Acteão e clamam insistentemente: "Acteão!",  
 como se ele não estivesse ali. Ao ouvir seu nome, ele volta a cabeça,  
 e eles lamentam que estivesse ausente e não presenciasse, 245  
 por preguiça sua, o espetáculo da presa lhe é oferecida.  
 Bem ele gostaria de ali não estar, mas está! Gostaria de ver,  
 mas não de sentir, a feroz atuação dos cães que são seus.  
 Rodeiam-no por todos os lados e, mergulhando-lhe o focinho  
 na carne, dilaceram seu dorso sob a enganadora figura 250  
 de um veado. Consta que a ira de Diana, a deusa da aljava,

<sup>18</sup>*nec plura minata / dat sparso capiti uiusacis cornua cerui, / dat spatium collo sumasque cacuminat aures / cum pedibusque manus, cum longis bracchia mutat / cruribus et uelat maculoso uellere corpus; / additus et paour est. fugit Autonoeius heros / et se tam celerem cursu miratur in ipso. / [et uero uultus et cornua uidit in unda,] / 'me miserum!' dicturus erat; uox nulla secuta est. / ingemuit; uox illa fuit lacrimaeque per ora / non sua fluxerunt; mens tantum pristina mansit. / quid faciat? repetatne domum et regalia tecta / an lateat siluis? pudor hoc, timor impedit illud.*

<sup>19</sup>*Dum dubirat, uidere canes, primique Melampus / Ichnobatesque sagax labratu signa dedere, / Cnosius Ichnobates, Spartana gente Melampus. / inde rrunt alii rápida uelocius aura, / Pamphagos et Dorceus et Oribasos, Arcades omnes, / Nebrophonosque ualens et trux cum Laelap Theron / et pedibus Pterelas et naribus utilis Agre [...].*

só foi saciada pelo finar daquela vida por mil feridas.<sup>20</sup>

O fim do referido mito nos revela uma tragédia, uma narrativa na qual, por intransigência de uma deusa, está presente uma sanção com aspectos muito negativos, logo disfórica. Partindo para a sanção cognitiva, pode-se dizer que há uma passagem de julgamento por parte da destinadora, no caso, Diana. Assim, a deusa julga, de maneira equivocada, o sujeito, e o liga a princípios de malícia, implicando más intenções, uma vez que um mortal não poderia desfrutar da visão de um ser divino, tampouco este estando em plena nudez. Sobre a sanção pragmática, é explícito o castigo que recebe o exímio caçador. Na maioria das narrativas, como já mencionado, há retribuição de castigos e recompensas de acordo com as atitudes e princípios dos personagens, tudo isso com base na justiça. Porém nessa narrativa podemos perceber algo diferente, um ato de intransigência e injustiça, expresso no seguinte trecho reapresentado:

Mas, se bem se procurar, não se achará nele crime,  
mas decisão da Fortuna. Pois que crime poderia haver no erro?<sup>21</sup>

O excerto mostra que, mesmo Acteão estando em conjunção com a inocência, ainda é punido de maneira severa. Desse modo este mito se assemelha à narrativa do Pirarucu quanto ao fato de a sanção ser disfórica por motivo de, nas duas narrativas comparadas, os personagens terem sido transformados em animais, mas difere-se pelo fato de o destinador-julgador saber julgar o sujeito, avaliando de fato a quais princípios estão relacionados.

Nesta segunda parte da análise, corrobora-se o que já fora apresentado na primeira análise, isto é, que tanto a sociedade greco-romana quanto a sociedade amazônica possuem narrativas mitológicas nas quais há sanções por meio de metamorfose. E também que ambas possuem as sanções cognitiva e pragmática no que se refere aos resultados disfóricos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>20</sup> *iam loca uulneribus desunt; gemit ille sonumque, / etsi non hominis, quem non tamen edere possit / ceruus, habet maestisque replet iuga nota querellis / et genibus pronis supplex similisque roganti / circumfert táticos tamquam sua brachhia uultus. / at comites rapidum solitis hortatibus agmen / ignari instigant oculisque Actaeona quaerunt / et uelut absentem certatim Actaeona clamant / (ad nomen caput ille refert) et abesse queruntur / nec capere oblatae segnem spectacula praedae. / uellet abesse quidem, sed adest; uelletque uidere, / non etiam sentire canum fera facta suorum. / undique circumstant mersisque in corpore rostris / dialcerant falsi dominum sub imagine cerui, / nec nisi finita per plurima ullnera uita / ira pharetratae fertur satiata Dianae.*

<sup>21</sup> *at bene si quaeras, Fortunae crimen in illo, / non scelus inuenies; quod enim scelus error habebat?*

No que se refere à sanção das narrativas mitológicas greco-romanas e amazônicas por meio da metamorfose, encontrou-se semelhanças e diferenças. Isso foi possível pelo uso do método de pesquisa bibliográfica e também o método científico dialético, dado que intentamos analisar determinadas obras das culturas greco-romana e amazônica com o objetivo de realizar uma comparação que tange à sanção por meio da metamorfose. Entendeu-se que tanto a sanção eufórica quanto a disfórica estão presentes nas narrativas das duas culturas. Além disso, constata-se também que a sanção cognitiva e pragmática estão imbricadas nas narrativas. Ainda, a metamorfose esteve presente nas duas culturas, mais que, em se tratando da sanção, percebeu-se uma curiosidade a respeito da metamorfose.

Quando o sujeito é julgado como bom e está ligado também a bons princípios, implicando atitudes benevolentes, os deuses eram condescendentes e o sujeito era transformado em elemento cosmogônico. No entanto, quando era o contrário, ou seja, o sujeito era ruim e estava ligado a ruins princípios, os deuses mostravam-se intransigentes e o transformavam-no em animais. A transformação em elementos cosmogônicos e em animais é um reflexo da crença de ambos os povos, que acreditavam que o céu estava para as coisas boas da vida e os animais para algo inferior, com desvantagens em relação aos humanos, no caso, a irracionalidade.

Quanto aos objetivos propostos, todos foram alcançados, uma vez que foi possível definir sanção enquanto fase da narrativa, encontrar episódios que mostrassem a sanção com a presença da metamorfose, tanto em textos das mitologias greco-romana como nos da amazônica, além de comparar essas narrativas.

Ao longo da produção deste trabalho, foi possível compreender que na narrativa greco-romana – no que se refere à sanção disfórica – o transformado permaneceu com a racionalidade humana, enquanto que na narrativa amazônica isso não aconteceu. Por isso, faz-se mister sugerir uma futura pesquisa sobre a consciência humana pós-metamorfose nas narrativas greco-romanas e amazônicas, uma vez que no presente trabalho não houve espaço para tal abordagem.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**, Vol. I. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DICIONÁRIO escolar da língua portuguesa / Academia Brasileira de Letras. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ELIADE, Mircea. **MITO E REALIDADE**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ERATOSTHENES; HYGINUS. *Star Myths of the Greeks and Romans: A Sourcebook*. Theony Condos (transl.). Phanes: Press, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. – 3.ed. totalmente revista e ampliada. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2000. – (repensando a Língua Portuguesa).

FONSECA, T. B. **Narrativas amazônicas: representações do mito do boto nas narrativas dos moradores antigos da comunidade da Missão, Tefé-Amazonas**. Dissertação de Mestrado—Tefé: Universidade do Estado do Amazonas, 2019.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. São Paulo: Contexto, 2002 - (Repensando a História).

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução: Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

LARAIA, Roque de Barros. **As religiões indígenas: o caso Tupi-Guarani**. Revista USP. São Paulo, 2005.

MOREIRA, Eduardo Duarte. **A mitologia dos astros na tradução dos Catasterismos de Eratóstenes de Cirene**. Rio de Janeiro, 2021.

NASCIMENTO, Aldenize Pinto de Melo do. **Estudo dos mitos amazônicos numa aproximação com os mitos gregos**. RELEM – Revista Eletrônica Mutações, julho – dezembro, 2016.

OVÍDIO (Publius Ovidius Naso), 43 a.C.-17 d.C. **Metamorfoses/Ovídio**; edição bilíngue; tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Ângelo Oliva Neto – São Paulo: Editora 34, 2017 (1ª Edição).

PEREIRA, Maria Antonieta. **Lendas e mitos do Brasil**. Belo Horizonte, 2007.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODA, Regiane Rafaela. **Mitologia Dantesca: a referência aos mitos greco-romanos na divina comédia pelo viés da (re)criação poética de Dante Alighieri**. São Paulo, 2012.

SANTOS, Elaine Cristina Prado dos; ATIK, Maria Luiz Guarnieri. **Metamorfose e Metaformose: uma leitura mítico-dialógica do mito de Narciso em Ovídio e em Leminski**. 2011.

SCHWAMBORN, Núbia Litaiff Moriz; FONSECA, Thaila Bastos da. (Orgs.). **Lendas Amazônicas**: Legitimando a Identidade Cultural dos Estudantes da Escola Estadual São José, em Tefé/Amazonas. – Tefé, AM: 2020.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Leonardo Novak. **O percurso gerativo de sentido em Asilo Arkham: um análise semiótica da obra**. Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba, 2014.

SIMONETTI, Zeina Paula Reis do Couto. **Jurupari**: do mito à literatura. Dissertação de mestrado. Manaus: UFAM, 2003.

TUFANO, Douglas. **Histórias da terra e do céu: Lendas indígenas no Brasil**/recontadas por Douglas Tufano; ilustração Rogério Borges. – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2014.